

**PORQUE TE QUERO, AMOR, A SANGUE E FOGO:
O AMOR ERÓTICO NO *BANQUETE*⁷**

J. A Colen
Centro de Ética Política e Sociedade
Universidade do Minho
orcid.org/0000-0003-0270-7416

Sócrates tornou-se uma lenda e é o principal personagem dos diálogos de Platão. Esse personagem andava geralmente descalço, mal vestido, era feio de feições, narigudo (o que contrastava com a beleza do seu carácter, que assim resplandecia mais).

Por isso é com certa surpresa que um tal Aristodemo vê chegar Sócrates “ainda fresco do banho e com umas luxuosas sandálias nos pés (o que nele era raro)”, para “aparecer belo em casa de um homem belo” onde vai jantar. Sócrates que só sabe que nada sabe, diz no *Banquete* de Platão que nada sabe senão de amor: é *erótikos*.

Todos os convivas do jantar, exceto Sócrates, estão ainda a sofrer os efeitos da embriaguez da véspera e por isso adiam o repasto e resolvem passar o tempo a fazer discursos sobre o amor, enquanto descansam nos seus leitos. Um dos convivas, porém, faz esta afirmação para nós surpreendente: “fale-se do amor (*eros*) e verás que até ao dia de hoje ainda nenhum homem ousou dirigir-lhe um cântico condigno e assim se põe de lado um deus tão poderoso”.

É surpreendente porque se algum há tema de discursos, poemas, novelas e canções sobre o qual não há certamente escassez na cultura ocidental é certamente o amor, e em especial o amor erótico. Era assim entre os gregos e mil e quinhentos anos depois, quando começa a tradição das canções de amor cortês.

APAIXONADOS PELO AMOR

Chrétien de Troyes, um trovador do séc. XII, escreve num poema em que fala das penas do amor: “De todos os males, o meu difere: agrada-me; regozijo-me dele; meu mal é o que eu quero e minha dor é a minha saúde. Não vejo, pois, de que me queixo, pois, meu mal me vem de minha vontade.”

⁷ “Porque te quero, amor, a sangue e fogo: O Amor Erótico no *Banquete*”. In Gonçalo Silva, António Morais e Miguel Oliveira, ed. *Da Inquietação Filosófica. Conversas sobre Questões de Vida ou de Morte*. Carcavelos: Editorial Aster, 2022, pp. 58-68.

ISBN 978-989-8586-20-9

E explica-se: “tenho tanto gosto em querer assim que sofro agradavelmente, e tanta alegria em minha dor que estou doente de delícia”.

Está apaixonado. Mais, regozija-se tanto de estar apaixonado que podemos dizer que está apaixonado pelo amor.

Um dos mais famosos hinos ao amor é o romance medieval de Tristão e Isolda. Sobreviveram, quer dizer, chegaram até nós, várias versões. O nome do herói da história, “Tristão”, que quer dizer muito triste, recorda as cores sombrias que rodeiam o seu nascimento e depois a sua vida. Mal nasce fica logo órfão e a sua educação é confiada a seu tio Marcos, rei da Cornualha. Mal chega à idade em que pode ser armado cavaleiro, fica mortalmente ferido, embora derrote um gigante irlandês (chamado Morholt) que vem regularmente exigir um tributo de jovens e donzelas. Na luta recebe um golpe de espada envenenada e parte ao deus-dará num barco sem vela nem remos. Tristão é recebido na Irlanda e a sobrinha do gigante (que não sabe quem ele é), Isolda, aplica-lhe o remédio que o salva e este acaba por salvar a cidade de um dragão. A enfermeira apaixonou-se pelo doente.

O amor dos poetas não é “desencarnado”. Isolda admira a beleza do corpo do jovem Tristão enquanto este se banha. Este amor é impossível: a missão de Tristão é acompanhá-la ao reino da Cornualha, porque está prometida ao rei Marco. Mas como bebem por engano uma poção amorosa destinada aos esposos, começa uma paixão que leva a rainha e o cavaleiro a trair o rei a que ambos estão ligados por promessas. São banidos e perdoados, usam a astúcia, fogem e regressam.

A “regra” do amor cortês substitui a antiga fidelidade ao senhor feudal, pois o cavaleiro é vassalo agora da bela dama e os “romances” falam continuamente do doce tormento do amor apaixonado e erótico.

Numa obra monumental sobre o *Amor no Ocidente*, o historiador suíço Denis de Rougemont sublinha a profunda antítese entre genuíno amor-doação dos esposos (que chama *agapê*, uma palavra grega consagrada pela Patrística) e a paixão amorosa (*eros*) e recorda a abundância das narrativas do amor apaixonado, que se repetem e tomam mil formas, desde o *Romance da Rosa* e da história de Beatriz contada por Dante (“Amor que em meu pensamento me fala da minha senhora com grande desejo”) ou dos sonetos de Petrarca e camões. Abundância que continua até hoje.

O historiador persegue o “mito de eros” na literatura; segue a linhagem que leva de Chrétien de Troyes a Cervantes; do *Romeu e Julieta* de Shakespeare a John Milton, de Corneille e Racine à *Nova Heloísa* de Rousseau.

Até que Richard Wagner fecha o ciclo e retoma com estrondo o tema de Tristão e Isolda na sua ópera (as óperas de Wagner inspiram sempre vontade invadir a Polónia).

O louvor incondicional do amor-paixão perpassa até a mística dos religiosos contemplativos, cuja linguagem se revela na espiritualidade (e que

o historiador julga ter raízes nas heresias “maniqueístas” da antiguidade e “albigenses” da idade média).

O amor-paixão nunca deixa de nos seduzir. Até que no século XX, o amor-paixão justifica tudo, não precisa de explicação. Amamos “porque sim”, o amor basta. O poeta chileno Pablo Neruda num dos seus cem sonetos de amor, o Soneto LXVI, “explica” a arbitrariedade pela força da paixão amorosa:

Não te quero senão porque te quero
e de querer-te a não querer-te chego
e de esperar-te quando não te espero
passa meu coração do frio ao fogo.

A distinção entre *eros* e *agapê* parece simples: um é um amor-necessidade, o outro um amor-doação.

O último é o que leva alguém a trabalhar e esforçar-se de modo puramente desinteressado, se isso é possível, o amor da mãe ou do pai pelos filhos, às vezes até pelos que talvez não vejam nesta vida: os netos que não nasceram ainda. É um amor à imagem do amor dos deuses pelos homens que nada esperam deles, o amor menos egoísta. O *agapê* é neoplatónico ou cristão: pura contemplação e puro dom.

O *eros* é um amor-necessidade (como o das crianças que se atiram assustados para os braços da mãe). Mas é um amor-necessidade que toma uma forma cheia de violência: “morrerei de amor porque te quero, porque te quero, amor, a sangue e fogo”, continua Neruda.

A paixão erótica é sobretudo um louco anseio de ser amado no qual nos encontramos num estado de desamparo, apegados sem conseguirmos desapegar-nos, suspensos pelas pontas das unhas sobre um abismo: um estado deplorável, que leva a amar e odiar, e rouba a chave do sossego.

Quer as afirmações dos personagens do *Banquete* de Platão sejam para tomar à letra ou não, não pode deixar de surpreender-nos hoje que um dos convivas, Erixímaco, tivesse declarado que nenhum cântico condigno foi composto em honra do *eros* e, mais, que os outros não o contradigam. É que nem hoje, nem desde há milénios há falta de elogios ao amor erótico (Michel Foucault, outro historiador filosófico, conta uma parte da história dizendo que longe de ter sido silenciado, há milénios que nos convidam a falar sem parar do assunto).

A ESCADA DO AMOR

Se tal louvor não existia no tempo de Platão (coisa duvidosa), durante o diálogo cada um dos convivas faz os seus melhores esforços para compor um novo discurso elogiando o *eros* e suprir a lacuna. Cada um deles faz uma tentativa: Fedro diz que o amor dá coragem aos homens na batalha; Pausânias justifica o amor ilegal dos efebos distinguindo a mera sexualidade inspirada por Afrodite de um amor erótico mais nobre; Erixímaco faz uma descrição “clínica” do amor sensual; Aristófanes relata um mito (tão ridículo

como os soluços que o impedem de discursar) segundo o qual cada enamorado tem uma alma gémea porque já estiveram juntos e foram separados ao encarnar; Agaton louva o *eros* juvenil. Todos fracassam. Nenhum louvor está à altura do deus.

Só Sócrates é bem sucedido, mas não fala em nome próprio. Repete um discurso que ouviu de uma sacerdotisa, Diotima de Mantinea. O mais nobre ou belo discurso sobre o *eros* apresenta-o como uma ascensão progressiva através de diferentes graus, cada um dos quais levava a outro.

Diz Diotima a Sócrates, que se começa a percorrer a escada do amor atraído pelos belos corpos, para depois se compreender que a beleza “é irmã da que está em qualquer outro, e que, se se deve procurar o belo na forma”; começa então a sentir-se a atração pela “beleza que está nas almas” que é mais preciosa que a do corpo; e por aí fora até que por fim se vê também a beleza da sabedoria.

Na escada do amor-paixão, no início não está ainda o amante preparado para o amor mais elevado. Diotima avisa que os mais jovens, ainda na base da escada, só podem ainda apreciar os belos corpos e belos adornos, não são capazes de apreciar ainda o que é belo mas desprovido de carnes humanas, cores, e outras ninharias mortais. Só mais tarde, à medida que ascende, tal se torna possível chegar “ao ápice dos graus do amor” percebendo o amante de súbito o que é “maravilhosamente belo por natureza”.

Eros, estar enamorado, revela um vazio no “coração” do amante. Sócrates sabe de amor erótico (é só o que sabe) porque o amor erótico busca companhia: é a prova da “incompletude” do ser humano. Com efeito, a palavra grega “eros” designa o “estar apaixonado” por algo que nos faz falta, que nos completa. Não designa nem a mera simples sexualidade que, temos que reconhecer, raramente é simples), representada segundo Pausânias por Afrodite, nem o chamado amor “platónico” (que temos que reconhecer não é o de Platão).

O *eros* é uma loucura divina, não é uma mera emanção da sexualidade. É estar enlevado pelo amor.

EROS E SEXUALIDADE

A sexualidade, contudo, (no sentido mais óbvio e biológico, não que seja necessário subentender motivos inconscientes) é um ingrediente da poção mágica do *eros* tanto na filosofia grega como na literatura de amor ocidental.

A paixão pode obviamente existir sem sexo, como devia ser na devoção pela amada “à devida distância” segundo o código da cavalaria medieval, ou na dedicação dos efebos gregos, segundo o código do amor grego (claro, às vezes o código era quebrado).

E, obviamente também, o sexo pode existir sem amor-paixão. Podia parecer que o *eros*, um amor-necessidade que contém um ingrediente carnal, é o que nos aproxima das “bestas”, mas paradoxalmente estar apaixonado reduz o papel dos sentidos e dos desejos, relativiza o prazer próprio e

exacerba a importância que para nós tem o prazer do outro – o que explica por que velhos epicuristas como Lucrécio e Ovídio querem descomplicar o sexo dessa coisa chamada “amor”. O conteúdo da carta seria o prazer sexual e o amor apenas o envelope que a contém e já não faz falta quando já se obteve o que se desejava (faz sentido deitar fora o envelope depois de lida a carta).

Estes velhos lascivos dizem que o desejo sexual é simplesmente um dos apetites, como a fome e a sede, com formas mais difundidas que outras, mas nenhuma não-natural. Freud diz que o problema é a repressão da sexualidade, Foucault que o problema é a constante injunção a falar da sexualidade.

Mas, diz-nos a experiência, nem o sexo, nem o amor erótico são forçosamente a espécie de amor em que o prazer resulta de um desejo que se extingue quando saciado, como a fome e a sede. Mesmo que fosse mais um desejo ou apetite qualquer, os apetites parecem admitir perversões, desvios, ou impor restrições da inclinação (até o simples beber ou comer, admite perversões como o canibalismo ou a abulia). Além disso, mesmo quando o *eros* é precedido pelo puro desejo carnal, não é como a fome ou a sede: o desejo amoroso apanha muitas vezes de surpresa o apaixonado e é apreciado por este ainda que inesperado. Parece-se antes com o prazer de quem é surpreendido por um odor inebriante ou por uma paisagem estonteante de beleza.

Além disso, o *eros* não visa sequer a saciar a nossa ânsia de felicidade: prefere o infortúnio partilhado, e um cálculo epicurista de prazer e dor é (em parte) irrelevante. A paixão é séria na alma sofredora, é terrível na sua grandeza, uma voz que sonha com o infinito e eterno que não pode cumprir, mas faz bem em aspirar.

É grandioso porque – provisória e temporariamente – bane os muros do “eu” e gera tanta felicidade como tormento. Mas é também o mais mortal dos desejos e dos amores, que não sobrevive sem “carne”, nem afeto e amizade.

Os nudistas, os ascetas, os irmãos dos animais (de Francisco de Assis a Peter Singer) idolatram o corpo, ou temem-no, mas partilham uma certa “poesia da carne”. Mas não faz muito sentido falar de “absolutos” no que diz respeito ao que é carnal: os corpos têm rugas e verrugas; a atração sexual é muitas vezes uma piada à nossa custa (para nosso benefício e da espécie) e o riso não pode ser nunca completamente banido. Quando muito suspenso.

O sexo é cómico (e frequente objeto de comédia!), inconveniente e inoportuno senão impossível. O desejo está presente quando não há ocasião; apagado quando há ocasião; é uma piada dos deuses que jogam com os filhos dos homens; influenciado pelo estado do tempo atmosférico, pela digestão, pela circulação do sangue e a dieta.

No sexo não somos só nós, somos representantes da espécie e não ainda indivíduos, um eu e um tu. Tal como a nudez, a sexualidade sublinha a nossa comum humanidade e não a nossa personalidade (que se exprime melhor pelo vestuário e pelos ornamentos).

Apesar da ideia popular de que o sexo torna o amor impuro, a sexualidade não é alguma coisa que precise de ser desinfetada pela paixão amorosa como se esta contivesse um poderoso antisséptico. Mas também não é higiênica porque levamos para o leito os estudos de Freud e Foucault.

O sexo não fica justificado pelo “estar apaixonado”. Pelo contrário, não se vê como pode sancionar o abandono de crianças, os logros do namorado ou marido que engana, a imbecilidade, a traição e a dor que provoca, a crueldade e a inveja.

Esta ideia de que os amantes julgam que a paixão amorosa apaga todas as baixezas atravessa todo o *Banquete* onde um bando de pederastas justifica o amor como algo “divino”, mas por detrás o ouvinte ou o leitor percebem bem a terrível ironia de Platão que nos mostra como justificam o injustificável (e o belo e volátil Alcibíades suspeita de Sócrates que não sucumbe à sedução).

A nossa cultura não é diferente neste ponto: justificamos tudo porque estamos apaixonados (mas fazemos talvez mal).

OS QUATRO AMORES

O *eros*, a paixão amorosa que não se confunde com a simples sexualidade não é só uma coisa grega ou ocidental. *Eros*, com este outro nome, é um dos amores que costumam ser identificados como propriamente humanos da Índia à Polinésia. Mas só um deles.

Temos hoje muitas palavras para designar o nosso amor: o afeto, a amizade, o *eros* e o *agapê*, o apreço pelas coisas, pela natureza, por pessoas. Talvez haja muitas palavras por que haja muitas espécies de amor e não sejam meramente sinónimos. No entanto nós dizemos indiferentemente “gosto”, “aprecio”, “sou amigo”, “desejo-te (a ti, a alguém)”, “amo” ou até hiperbolicamente “adoro-te”. Além disso apreciamos, amamos, não só o que é humano, mas também o que é “sublunar” (a paisagem da montanha ou da praia e a pátria) e até “sub-humano” (a comida, a bebida, os cheiros, as flores do campo ou as rosas).

C. S Lewis, um contador de histórias infantis e professor de literatura de Cambridge, tentou pôr ordem neste caos. Sugere que a relação entre estes amores, ou diferentes degraus do amor, todavia, não é necessariamente a que existe entre os lanços de uma escada, como dizia a Diotima de Platão. Seria mais parecida à de um itinerário tortuoso, onde às vezes vemos claramente o nosso destino, o lugar onde a nossa “completude” se achará finalmente em casa, mas vemos também que ainda falta muito caminho a percorrer para lá chegar: só estamos mais perto em linha reta. Pode parecer-nos que o *eros* nos eleva já ao alto da escada, face a face ao amor mais sublime, mas faltam muitas voltas do caminho para lá chegar.

Contudo a experiência dos mais velhos diz que o *eros* – o estar apaixonado – não sobrevive muito tempo sem o mais humilde e simples dos amores: o afeto. O *eros* está também inextricavelmente ligado à amizade e à doação (*agapê*) mas sobretudo ao humilde e simples afeto. É o afeto (e não a

sexualidade) o que menos distingue os sentimentos do homem dos sentimentos das “bestas”.

É até o menos discriminatório dos amores: dá-se entre velhos e novos, ultrapassa barreiras de idade, de sexo, classe e educação. Ignora até as barreiras da espécie: temos afeto pelos velhos cães e gatos. Os gregos também tinham uma palavra para isso: *storge*. É o amor dos “infantes e dos idiotas”,⁸ mas também dos animais domésticos. O afeto, obviamente, também não é especificamente nem grego, nem só ocidental.

Mas tem o seu critério: o sentimento de familiaridade. É simples porque não se dá ares, não se declara. Às vezes nem se repara que existe e que é realmente importante senão quando acidentalmente se dá pela sua falta.

Dá-se entre o jovem universitário e a velha avó que cultiva a horta, que vivem em mundos diferentes que o outro não imagina (os estudantes da filosofia, claro, supõem que o seu mundo é muito mais amplo e avançado que o da sua velha avó que cultiva a horta que, todavia, é um mundo com uma profundidade simples). Temo-lo como garantido. Acompanha muitas vezes outros amores, aos quais dá um colorido especial: a velha amizade, o velho amante.

O amor erótico não existe quase nunca, e certamente não sobrevive sem esse afeto. Tal como a amizade e o *eros*, o afeto traduz-se em beijos, num linguagem infantil, enjoativa para todos (exceto os próprios amantes).

AMIZADE NÃO É O EROS

Os antigos não davam grande importância a este simples afeto. Foi preciso o que Charles Taylor chamou a “afirmação da vida quotidiana”. Mas uma das obras menos compreendidas de Xenofonte, o seu *Económico*, mostra que sempre lá esteve, mesmo se tem que ser louvado na linguagem de um amor mais forte: a amizade.

Hoje admitimos, facilmente, como se fosse uma concessão, que um homem e uma mulher além da família, precisam de alguns amigos com quem organizar um churrasco, ver um jogo de futebol. Mas não nos ocorre razão nenhuma para que Diotima situe a amizade na escala dos amores acima do amor dos corpos, como o amor que leva à devoção cívica e a perseguir o conhecimento, a buscar o bem. Não choramos pelos amigos (e se os amigos choram, os estudantes de filosofia que no fundo são bastante puritanos suspeitam de que há um motivo subconsciente qualquer, um desejo freudiano).

⁸ Gilbert Ryle, um professor de filosofia inglês, dizia, talvez pouco amavelmente que a “doutrina oficial” sobre a mente punha dúvida se os “infantes e idiotas” tinham realmente mente. Em geral parte-se do princípio, que todos têm mente, mesmo os professores de filosofia, e a dificuldade está em entendê-los. Mas o *storge* aplica-se também aos animais, que segundo Peter Singer não têm mente.

Talvez porque é o menos carnal dos amores, o mais desnecessário à sociedade, o menos instintivo. Os antigos, desde Platão, louvavam a amizade mais que o amor dos corpos porque desconfiavam do carnal e instintivo: as paixões pareciam dominar os corpos até que a velhice nos vem libertar deste senhor que nos escraviza como nenhum outro. A nós acontece-nos o contrário: desconfiamos do que não é carnal e instintivo e achamos que deve haver uma explicação subliminar para as lágrimas de Aquiles por Pátroclo: uma amizade até à morte não se percebe se não houver uma explicação mais biológica.

Não é impossível que haja uma raiz evolutiva ou ambiental qualquer, talvez proveniente da pré-história.⁹ Mas a amizade pré-histórica (se existiu, só sobram pedras e esqueletos...), só se torna na *filia* de Platão e na *amiticia* de Cícero que não é um mero companheirismo como a “amizade” de hoje, se houver um momento em que dois ou três se afastem da camaradagem da tribo para observar as estrelas por curiosidade, ou para compor música. Com efeito a amizade baseia-se numa relação mais íntima que a camaradagem, mas ao mesmo tempo menos consciente de si mesma que o amor erótico.

Os amantes olham um para o outro, os amigos olham na mesma direção. Os amigos procuram o isolamento, a solidão em que descubrem um interesse comum, uma verdade que só eles conhecem. A amizade multiplica-se com mais um ou dois amigos, pois partilha-se no amigo o reflexo dos outros amigos. Os amantes, pelo contrário, são ciumentos como Otelo, mesmo num harém cheio de concubinas.

É certo que os círculos de amizade, onde as opiniões se tornam em certezas, estão na origem da matemática de Pitágoras, dos inqueritos de Sócrates, da filosofia da Academia de Platão e do Liceu de Aristóteles. Estão também na origem da ciência moderna no século XVII dos cavalheiros que tinham estojos de ótica e de química e na origem da política moderna dos “clubes” e dos partidos.

Esta separação do grupo, se existiu na pré-história, foi provavelmente olhada com desconfiança pela autoridade da tribo. Porque a amizade e o amor erótico têm uma dimensão em comum: contêm ambas um elemento de secessão, de indiferença e surdez, e parece aos excluídos basear-se numa pequena aristocracia hostil às massas. São exclusivos (embora de modos diferentes).

⁹ Podemos inventar um “estado de natureza” de ficção para benefício dos antropólogos: no passado os caçadores juntavam-se à volta do fogo (uma tecnologia recente) para discutir as técnicas de caça, distribuir os espólios, contar feitos, enquanto preparavam o churrasco da carne que acabavam de caçar, ao mesmo tempo que as mulheres se dedicavam a pintar as paredes das cavernas e mapear o céu, ou a proceder a outros rituais femininos que excluía os homens.

O “AMOR DA HUMANIDADE” NÃO É O EROS

Em compensação o afeto simples, que alguns designam como “amor da humanidade”, não conhece fronteiras. Parece O simples afeto tem o potencial de abrir a mente mais que quase todos os outros amores porque nos relaciona com quem não escolhemos. Escolhemos os livros e os amigos, os amados escolhem-nos, mas tropeçamos acidentalmente naqueles por quem temos afeto. Na verdade, só o mais simples dos afetos nos dá o único “amor da humanidade” que não é uma idolatria ridícula por uma abstração: a humanidade que encontramos todos os dias, que anda de autocarro, que nos vende peixe e nos dá aulas. É sobretudo o amor da família, dos laços de sangue que incluem velhas tias e primos.

Por ser tão instintivo, tão “natural”, pode converter-se facilmente num apetite “esfomeado” por afeto, um amor que asfixia e mata (certos amores dos pais pelos filhos são assim, como são os amores dos professores pelos alunos de que são mentores que asfixiam quem desejam ajudar quando se querem tornar indispensáveis). Quer dizer, todos desejamos ser indispensáveis, mas precisamos de ser lembrados de que é necessário viver a “etiqueta” do afeto, que estipula uma só regra. A regra é tão simples como o simples afeto. Diz só: “é preciso ser-se amável para ser amado”.

Há uma regra da cortesia doméstica, como há um dever de civismo na vida pública. Em casa, dizemos como desculpa, “podemos dizer qualquer coisa”; “não estamos sempre no nosso melhor”, e por aí fora – mas isso é certo apenas enquanto não se é odioso, enquanto não nos preferimos a nós próprios sobre os outros. O dever de civismo na vida pública também implica certa contenção e leva por vezes a silenciar os temas que provocam polémica (como as justificações em nome de “visões abrangentes” na esfera pública), mas é só uma regra de cortesia provisória que não exclui a força das convicções, só a põe entre parêntesis. Ser amável é a condição para ser amado: não há parêntesis.

Estas reflexões (que mais facilmente se alimentam das novelas de Jane Austen que dos profundos romances de Dostoievski) resultam de uma experiência que só o tempo de vida nos ajuda a confirmar.

O afeto “decente” é talvez o que mais produz a felicidade serena, paciente, bondosa, o dar e tomar, mas abnegado. O afeto não pretende ser uma escola de virtudes (isso é talvez, segundo os filósofos antigos, a amizade), não se dirige às carnes ou faces, nem às almas mais belas, aceitamos e aceitamos-nos como somos. Com defeitos e com rugas, um pouco surdos.

Com efeito, a paixão amorosa derruba muralhas, conquista castelos, ocupa territórios, como uma onda que invade tudo e produz uma metamorfose. O afeto simples constrói as paredes do lar, faz concessões, mantém a coesão familiar, não pretende que os outros mudem.

O AMOR “DESENCARNADO” E PERVERSÃO SEXUAL

Sócrates aprendeu de Diotima que o amor dos corpos é mais fugaz e menos elevado que o amor do espírito, que o amor das almas concretas que nos torna vulneráveis ao sofrimento é menos elevado que o amor das artes e dos saberes, e este menos elevado que o amor do belo-em-si. Mas *eros* não é um deus mais elevado quando o amor parece puro e desligado das coisas carnis, cheio de autossacrifício (disposto a sacrificar tudo menos o próprio enamoramento).

Pressentimos que devemos resistir aos “desmistificadores” do que é estar apaixonado e o reduzem ao lóbido, ao elã vital, à biologia evolutiva. Mas devemos resistir sobretudo aos “idólatras do amor”, os românticos incuráveis que julgam que o amor justifica tudo.

O amor erótico tem um ingrediente carnal, corpóreo, envolve fluidos e humores (não só metaforicamente, mas literalmente), e podíamos pensar que não há nada de bom e nobre, que é só o resultado de um desejo. A tal ponto que às vezes nos parece que não faz sentido falar de perversão sexual.

Thomas Nagel acha pelo contrário que o conceito não é ininteligível e temos algo a aprender só pelo facto de o conceito existir. Se temos uma ideia do que é a perversão sexual, implicitamente admitimos que há desejos ou práticas que são em certo sentido “não-naturais” como são por exemplo o sadismo, a bestialidade, a pedofilia – ao contrário da prática natural do sexo sem adornos. Estas resultam de inclinações não-naturais e não apenas de uma desaprovação social, costume ou tabu (há com efeito muitas práticas que foram quase sempre socialmente desaprovadas como o adultério ou a fornicção e não são consideradas perversões).

Estar apaixonado, em qualquer dos degraus da escada de Diotima produz uma metamorfose. Mas não é metamorfose do perverso (ou amoral) no moral: o amor-paixão derruba as muralhas do eu, mas não basta. Completa o homem, mas é incompleto sem a amabilidade do afeto simples ou da amizade.

Aturdidos ou não pelo divino amor do *eros*, devemos saber que “o mais elevado não se mantém sem o inferior” (diz Tomás de Kempis na *Imitação de Cristo*) e que os afetos, as carnes humanas, a amizade, o amor-doação, em suma, os amores todos andam misturados e entrelaçados.

AGAPÊ

É verdade que os homens cantam e às vezes anseiam por um amor que consideram “sem mancha”, um amor abnegado, pura doação, a *agapê*, o amor dos imperativos categóricos que toma o amado como um fim para nós e não um meio. Esta aspiração e inspiração de um amor ideal, não tingido de motivos egoístas, levou a escrever livros de sabedoria, salmos bíblicos e poesia de ambição imorredora.

Não inspirou só a literatura: mudou costumes, foi sempre rodeado de ritos e tabus, transformou contratos em sacramentos. O “cântico dos cânticos” da

esposa tornou-se símbolo do amor de deus pelos homens e do amor da sabedoria.

Não é só uma convenção burguesa que desaparecerá no mundo socialista. A crítica da filosofia tem aí o seu lugar. Marx descreve a vida no mundo socialista, dizendo que o homem, já não alienado de si, caçará de manhã, pescará de tarde, cuida do gado ao anoitecer e falará de filosofia depois do jantar. É certo que não fala do jantar, sem o qual a filosofia seria uma miséria, mas o corpo individual não será abolido. O homem deseja fazer filosofia, mas infelizmente para isso precisa de mãos e olhos, e ao mesmo tempo que aspira por ideias sublimes, deseja o jantar, porque vive num corpo humano.

Textos citados:

C. S. Lewis, *The Four Loves* (London: William Collins, 2016), [Ed. Orig. 1960].

Dante Alighieri, *Divina Comédia* (Lisboa: Quetzal, 2013), [Ed. e Trad. Vasco Graça Moura].

Denis de Rougemont, *O Amor e o Ocidente* (Porto: Ed. Vega, 1989), Livro. I, 33; Livro II, 157-217; Livro IV, 162.

Guillaume de Lorris, *Roman de la Rose* (Paris: Champion, 1965-1970), [Ed. Félix Lecoy].

Joseph Bédier, *Le Roman de Tristan et Iseut* (Paris : Piazza et Cie, 1900).

Karl Marx, Friedrich Engels *Ideologia Alemã*, Parte I: Feuerbach, Cap. “propriedade privada e comunismo”

Pablo Neruda, “Soneto LXVI” in *Cien Sonetos de amor* (Barcelona: Espasa-Calpe, 2012), [Ed. Orig. 1959].

Platão, *Banquete*, 173b, 174a, 174b, 177c, 210a.

Thomas de Kempis, *A Imitação de Cristo* (Mem-Martins: Europa-América), X.

Outras referências:

Charles Taylor, *The Sources of the Self* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1989).

Paul Veyne, *L'Élegie érotique romaine: L'amour, la poésie et l'Occident* (Paris: Éditions du Seuil, 2014).

Thomas Nagel, “Sexual Perversion” in *Mortal Questions* (Cambridge, MA: Cambridge University Press, 1979), 39-52.

Charles Taylor, *The Sources of the Self* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1989), Part III, The Affirmation of Ordinary Life, 211-304.